

Elizabeth Strout

O meu nome
é Lucy Barton



ALEAGUARA

*Para a minha amiga
Kathy Chamberlain*

Houve uma altura, e isto passou-se há muitos anos, em que tive de ficar hospitalizada durante quase nove semanas. Foi em Nova Iorque e, à noite, da minha cama, era possível ver directamente o Edifício Chrysler, com o seu cintilar geométrico. Durante o dia, a beleza do edifício dissipava-se e, gradualmente, tornava-se apenas outra grande estrutura contra o céu azul, e todos os edifícios da cidade pareciam distantes, silenciosos, longínquos. Estávamos em Maio, seguiu-se Junho, e lembro-me de ficar de pé a olhar pela janela para o passeio lá em baixo, a ver as raparigas — da minha idade — com as suas roupas de Primavera, a desfrutarem das suas horas de almoço; conseguia ver-lhes as cabeças a mexerem-se durante as conversas, as blusas a ondularem na brisa. Pensei em como, quando saísse do hospital, nunca mais caminharia pelo passeio sem dar graças por ser uma dessas pessoas, e durante muitos anos fi-lo — lembrava-me da vista da janela do hospital e rejuvilava com a calçada sob os meus pés.

Ao início, tratou-se de uma história simples: eu tinha ido ao hospital para me tirarem o apêndice. Ao fim de dois dias, deram-me comida, mas não consegui digeri-la. E depois veio a febre. Ninguém conseguia isolar bactéria alguma ou perceber o que correra mal. Nunca ninguém percebeu. Recebi líquidos por um cateter e antibióticos por outro. Estavam ambos ligados a um suporte metálico assente em rodas vacilantes que eu arrastava comigo, mas cansava-me com facilidade. No início de Julho, fosse o que fosse que me tinha acometido, o problema desapareceu.

Mas, até essa altura, mantive-me num estado muito estranho — uma expectativa febril, literalmente — e que me custou bastante. Tinha um marido e duas filhas pequenas em casa; tinha imensas saudades das minhas meninas, e preocupava-me tanto com elas que isso estava a deixar-me mais doente ainda. Quando o meu médico, por quem sentia uma grande afeição — era um judeu de maxilar protuberante, com uma tristeza suave a pesar-lhe sobre os ombros, cujos avós e três tias, ouvi-o dizer a uma enfermeira, haviam sido mortos nos campos, e que tinha mulher e quatro filhos adultos aqui em Nova Iorque —, quando este senhor amoroso, creio, senti pena de mim, certificou-se de que as minhas filhas — de cinco e seis anos — poderiam visitar-me, caso não tivessem qualquer doença. Elas foram trazidas ao meu quarto por uma amiga da família, e vi que traziam as carinhas sujas, tal como o cabelo, e então empurrei o suporte de soro até ao chuveiro, na companhia de ambas, mas elas exclamaram:

— Mamã, estás tão magrinha!

Estavam mesmo assustadas. Sentaram-se comigo na cama enquanto eu lhes secava o cabelo com uma toalha, e depois fizeram desenhos, mas com apreensão, isto é, sem se interromperem uma à outra a cada minuto dizendo «Mamá, mamã, gostas disto? Mamã, olha o vestido da minha princesa fada!» Falaram muito pouco. A mais nova, em especial, parecia não conseguir dizer nada, e, quando a abracei, vi-lhe o lábio inferior a revirar e o queixo a tremer; ela era uma coisinha mínima, a esforçar-se muito por ser valente. Quando se foram embora, não fui à janela para as ver partir com a minha amiga que as trouxera e que não tinha filhos.

O meu marido, naturalmente, andava atarefado a tratar da casa, mas também ocupado com o seu emprego, e nem sempre lhe era possível visitar-me. Quando nos conhecemos, disse-me que detestava hospitais — o pai

morrera no hospital quando ele tinha catorze anos —, e agora percebia o que ele quisera dizer com aquilo. No primeiro quarto que me deram havia uma idosa moribunda ao meu lado; chamava por auxílio constantemente — eu ficava chocada com a indiferença dos enfermeiros, enquanto ela bradava que estava a morrer. O meu marido não suportava aquilo — quer dizer, não suportava visitar-me ali — e diligenciou para que me mudassem para um quarto individual. O nosso seguro de saúde não abrangia aquele luxo, e cada dia que passava era um golpe nas nossas finanças. Fiquei grata por já não ouvir a pobre mulher a berrar, mas teria sentido vergonha se alguém soubesse quão sozinha me sentia. Sempre que uma enfermeira vinha medir-me a febre, tentava que ela se demorasse alguns minutos, mas as enfermeiras estavam ocupadas, não podiam simplesmente ficar ali à conversa.

Cerca de três semanas depois de eu ter sido internada, num fim de tarde, desviei o olhar da janela e dei com a minha mãe sentada numa cadeira aos pés da minha cama.

— Mãe? — disse eu.

— Olá, Lucy — respondeu-me. A sua voz parecia tímida, mas carregada de urgência. Inclinou-se para diante e apertou-me o pé por cima do lençol. — Olá, Wizzle — disse ela. Eu não via a minha mãe há anos, e não conseguia parar de a fitar; não conseguia perceber por que motivo parecia tão diferente.

— Mãe, como vieste cá parar? — perguntei.

— Oh, meti-me num avião. — Agitou os dedos e eu percebi que estávamos ambas demasiado emotivas. Então acenei de volta e deixei-me ficar deitada. — Penso que vais ficar bem — acrescentou, com mesma voz tímida mas urgente. — Não tenho tido sonhos.

Ela estar ali, a usar a minha alcunha, que eu já não ouvia há séculos, fez-me sentir quente e liquefeita, como se a minha tensão tivesse sido uma coisa sólida e agora já não

o fosse. Geralmente, eu acordava à meia-noite e tinha um sono inquieto ou então, bem desperta, ficava a ver pela janela as luzes da cidade. Mas, naquela noite, dormi sem interrupções e, de manhã, a minha mãe estava sentada no mesmo sítio onde estivera no dia anterior.

— Não importa — disse-me quando perguntei. — Tu sabes que não durmo muito.

As enfermeiras ofereceram-se para lhe trazer um catre, mas ela fez que não com a cabeça. Sempre que uma enfermeira se oferecia para lhe trazer um catre, ela recusava. Ao fim de um tempo, deixaram de perguntar. A minha mãe ficou comigo cinco noites e nunca dormiu noutra lado que não a sua cadeira.

Durante o nosso primeiro dia juntas, falámos de forma intermitente; acho que nenhuma de nós sabia ao certo o que fazer. Perguntou-me algumas coisas acerca das minhas filhas, e eu respondi, com o calor a subir-me à cara.

— Estão fantásticas — disse. — Oh, simplesmente fantásticas.

Sobre o meu marido, a minha mãe não fez qualquer pergunta, embora — ele disse-mo ao telefone — tivesse sido ele quem lhe havia ligado, quem tinha pago o bilhete de avião, quem se oferecera para a ir buscar ao aeroporto — a minha mãe, que nunca antes andara de avião. Apesar de dizer que apanharia um táxi, apesar da sua recusa em encontrar-se com ele cara-a-cara, o meu marido ainda lhe tinha dado indicações e dinheiro para chegar até mim. Agora, sentada numa cadeira aos pés da minha cama, a minha mãe também nada disse sobre o meu pai, e eu também não falei acerca dele. Estava sempre à espera que dissesse «O pai deseja-te as melhoras», mas não disse.

— Foi assustador apanhar um táxi, mãe?

Hesitou, e eu vi o pânico que a deve ter acometido quando saiu do avião. Mas respondeu:

— Tenho boca na cara, usei-a.

Ao fim de uns momentos, disse-lhe:

— Estou muito contente por estares aqui.

Sorriu brevemente e olhou na direcção da janela.

Isto foi em meados da década de oitenta, antes dos telemóveis, quando o telefone bege junto à minha cama tocava e era o meu marido — a minha mãe percebia, estou certa, pelo modo lamentoso como eu dizia «Olá», como se estivesse prestes a chorar — e a minha mãe se levantava da sua cadeira em silêncio e saía do quarto. Imagino que nessas alturas fosse comer qualquer coisa à cafetaria ou ligasse ao meu pai de um telefone público instalado ao fundo do corredor. Eu nunca a via comer, e presumo que o meu pai se preocupasse com a segurança dela — tanto quanto sabia, não havia qualquer problema entre eles. Depois de ter falado com cada uma das minhas filhas, de ter beijado o bocal do telefone uma dúzia de vezes, de me ter voltado a recostar na almofada e fechado os olhos, a minha mãe regressava de mansinho ao quarto, porque, quando abria os olhos, lá estava ela.

Naquele primeiro dia, falámos do meu irmão, o mais velho dos três, solteiro, que vivia em casa com os meus pais, apesar dos seus trinta e seis anos, e da minha irmã mais velha, que tinha trinta e quatro e que morava a quinze quilómetros dos meus pais, com o marido e cinco filhos. Perguntei se o meu irmão estava empregado.

— Não tem trabalho — disse a minha mãe. — Passa a noite com qualquer animal que vá ser morto no dia seguinte. — Perguntei-lhe o que tinha dito, e repetiu-mo. Acrescentou: — Ele vai para o celeiro dos Pedersons e dorme ao lado dos porcos que vão ser levados para o matadouro.

Fiquei surpresa ao ouvi-lo, e disse-lho, e a minha mãe encolheu os ombros.

A seguir, falámos das enfermeiras; a minha mãe deu-lhes nomes: «Tosta», a magrinha que era seca no

trato; «Dor de dentes», a mais velha, sempre desolada; «Criança séria», a índia com quem ambas simpatizávamos.

Mas eu estava cansada, e então a minha mãe começou a contar-me histórias sobre pessoas que tinha conhecido há vários anos. Falou de um modo de que eu não me lembrava, como se uma pressão de sentimentos e de palavras e de observações tivesse estado comprimida dentro dela durante anos, e a sua voz era ferosa e despreocupada. Por vezes, eu dormitava, e, quando acordava, pedia-lhe que voltasse a falar. Mas ela dizia:

— Oh, Wizzledee, precisas do teu repouso.

— Estou a repousar! Por favor, mãe. Conta-me coisas. Uma coisa qualquer. Fala-me da Kathie Nicely. Sempre adorei o nome dela.

— Oh, sim. A Kathie Nicely. Nossa, ela acabou mal.

Nós éramos aves raras, a nossa família, mesmo naquela pequena vila de Amgash, no Ilinóis, onde havia outras habitações em ruína e a precisar de pintura e de persianas ou jardins, sem qualquer beleza que se visse. Essas casas estavam agrupadas naquilo que era a cidade, mas a nossa casa não ficava próxima delas. Ainda que se diga que as crianças aceitam as suas circunstâncias como sendo normais, tanto eu como a Vicky percebíamos que éramos diferentes. Isso era-nos dito no recreio pelas outras crianças — «A vossa família cheira mal» — e afastavam-se tapando o nariz com os dedos; a minha irmã ouviu da sua professora do segundo ano, diante da turma, que ser-se pobre não era desculpa para ter sujidade atrás das orelhas, que ninguém era tão pobre que não pudesse comprar uma barra de sabão. O meu pai trabalhava com maquinaria agrícola, embora fosse frequentemente despedido por discutir com o patrão, voltando a ser contratado em seguida, por ser competente e fazer falta outra vez, creio eu. A minha mãe passou a fazer trabalhos de costura: um letreiro pintado à mão, no ponto em que o nosso carreiro desembocava na estrada, anunciava costura e arranjos. E embora o meu pai, quando dava graças connosco, à noite, nos obrigasse agradecer a Deus por termos comida suficiente, a verdade é que me sentia esfaimada frequentemente e que aquilo que havia para jantar em muitas noites era pão com melaço. Dizer mentiras e desperdiçar comida eram coisas que davam sempre castigo. Fora isso, volta e meia e sem aviso prévio, os meus pais — e habitualmente era a minha mãe, e na

presença do nosso pai — batia-nos de forma impulsiva e com vigor, como me parece que algumas pessoas devem ter suspeitado, pela nossa pele manchada e pelas nossas expressões taciturnas.

E havia o isolamento.

Vivíamos na região de Sauk Valley, na qual se pode andar durante muito tempo e ver apenas uma ou duas casas rodeadas de campo, e, como disse, não tínhamos quaisquer casas perto de nós. Vivíamos com milheirais e plantações de soja que se estendiam até ao horizonte; e era para lá do horizonte que ficava a quinta de suinicultura dos Pedersons. No meio dos milheirais erguia-se uma árvore, e a sua aridez era impressionante. Durante muitos anos, pensei que aquela árvore era minha amiga; ela era minha amiga. A nossa casa ficava no fim de um caminho de terra muito comprido, não muito longe de Rock River, perto de umas árvores que serviam de corta-vento aos milheirais. E não tínhamos televisão, e não tínhamos jornais, revistas ou livros em casa. No seu primeiro ano de casada, a minha mãe trabalhou na biblioteca local, e, ao que parece — foi o meu irmão quem mo contou —, adorava livros. Mas depois a biblioteca disse à minha mãe que os regulamentos tinham mudado, que só podiam contratar alguém que tivesse habilitações académicas. A minha mãe nunca acreditou neles. Deixou de ler, e passaram-se muitos anos até ir a outra biblioteca noutra cidade e trazer livros para casa novamente. Refiro isto porque há a questão de como as crianças se tornam cientes do que o mundo é e de como devem agir nele.

Por exemplo, como é que se aprende que é indelicado perguntar a um casal por que motivo não tem filhos? Como se põe a mesa? Como sabemos que estamos a mastigar de boca aberta se nunca ninguém nos disse? Já agora, como sabemos que aspecto temos, se o único espelho em casa é muito pequeno e fica por cima do lava-loiça, ou se

nunca ninguém nos disse que somos bonitas, se, em vez disso, quando os nossos seios se desenvolvem, a nossa mãe nos diz que começamos a parecer-nos com uma das vacas do celeiro dos Pedersons?

Como é que a Vicky o conseguiu é algo que até hoje não sei. Não éramos tão próximas quanto seria de esperar; nenhuma de nós tinha amigos e troçavam de nós na mesma medida, mas encarávamo-nos uma à outra com a mesma desconfiança com que encarávamos o resto do mundo. Há momentos, hoje em dia, e a minha vida mudou tão completamente, em que olho para aqueles primeiros anos e dou por mim a pensar: não foi assim tão mau. Talvez não tenha sido. Mas também há momentos — inesperados — em que vou a andar por uma rua soalheira, ou vejo a copa de uma árvore vergar-se com o vento, ou um céu de Novembro a terminar no East River, e sou subitamente invadida pelo conhecimento de uma escuridão tão profunda que até me pode fugir um som da boca, e então entro na loja de roupa mais próxima e falo com uma desconhecida sobre o feitio das camisolas que acabaram de chegar. Este deve ser o modo como a maioria de nós navega pelo mundo, meio ciente, meio alheado, visitados por recordações que não podem ser verdade. Mas, quando vejo outras pessoas andarem com autoconfiança pela rua, como se estivessem completamente livres do terror, percebo que não sei como são os outros. Uma grande parte da vida parece especulação.

— O problema da Kathie — disse a minha mãe —, o problema da Kathie era... — A minha mãe chegou-se à frente na cadeira e inclinou a cabeça pousando o queixo na mão. Aos poucos vi como, nos anos decorridos desde a última vez em que tínhamos estado juntas, ela ganhara o peso estritamente necessário para lhe amaciar as feições; os seus óculos já não eram pretos, mas beges, e o cabelo junto ao rosto tornara-se mais pálido, mas não cinzento, pelo que parecia uma versão um pouco maior e mais felpuda de quando era jovem.

— O problema da Kathie — disse eu — era ela ser simpática.

— Não sei — disse a minha mãe. — Não sei quão simpática era. — Fomos interrompidas pela enfermeira Tosta, que entrou no quarto com a sua prancha de anotações, me pegou no pulso e me mediu a pulsação, fitando o ar, com os olhos azuis postos num local distante. Mediu-me a temperatura, olhou para o termómetro, escreveu qualquer coisa na minha ficha e saiu da divisão. A minha mãe, que tinha estado a observar a Tosta, agora fixava a paisagem para lá da janela. — A Kathie Nicely queria sempre mais. Pensei muitas vezes que o motivo por que era minha amiga (oh, não sei se posso dizer que éramos amigas, na verdade, eu costurava para ela e ela pagava-me), mas pensei com frequência que o único motivo pelo qual se deixava ficar à conversa... bem, *de facto*, convidou-me para sua casa quando começou a ter problemas... mas o que estou a querer dizer é que eu

sempre achei que ela *gostava* que as minhas circunstâncias fossem muito piores do que as suas. Ela não tinha nada a invejar-me. A Kathie queria *sempre* qualquer coisa que não tinha. Tinha aquelas suas filhas lindas, mas não bastavam, queria um filho. Tinha aquela casa bonita em Hanston, mas não era bonita que chegasse, queria algo mais perto de uma cidade. Que cidade? Era assim que ela era. — E, depois, tirando um pêlo da saia, a minha mãe acrescentou em voz mais baixa: — Era filha única, acho que estava relacionado com isso, com o quão autocentradadas essas pessoas podem ser.

Senti o choque quente e frio que se dá quando somos atingidos sem aviso; o meu marido era filho único, e a minha mãe já me dissera há muito que esse «defeito», como ela dizia, só podia acabar por levar ao egoísmo.

A minha mãe prosseguiu:

— Bem, ela tinha inveja. Não de *mim*, claro. Mas, por exemplo, a Kathie queria viajar. E o marido não era assim. Ele queria que a Kathie se sentisse satisfeita e ficasse em casa e que eles vivessem do seu ordenado. Ele saía-se bem, geria uma exploração de milho alimentar, sabes? Tinham uma vida bastante boa, qualquer pessoa queria ter a vida deles, na verdade. Ora, até iam a bailes num clube qualquer! Eu não vou a um desde o liceu. A Kathie vinha ter comigo e encomendava-me um vestido novo só para ir dançar. Às vezes, trazia as filhas, tão bonitinhas e bem-comportadas. Nunca mais me esqueço da primeira vez que as trouxe. A Kathie disse-me: «Permita-me que lhe apresente as bonitas meninas Nicely.» E, quando eu comecei a dizer «Sim, são realmente muito bonitas», ela disse: «Não — é o que lhes chamam na escola, em Hanston, as Bonitas Meninas Nicely.» Sempre me perguntei como será sentir isso. Ser-se conhecida como uma Bonita Menina Nicely. Embora uma vez — disse a minha mãe, no seu tom de voz urgente — tenha apanhado uma delas

a murmurar às irmãs qualquer coisa a respeito de a nossa casa ter um cheiro esquisito...

— Era só por serem crianças — disse eu. — As crianças acham sempre que os sítios têm cheiros esquisitos.

A minha mãe tirou os óculos, bafejou para cada uma das lentes com vivacidade e limpou-as com o tecido da sua saia. Pensei no quão nua parecia a cara dela naquele momento; não conseguia parar de olhar para o seu rosto de aspecto despido.

— E depois, um dia, sabes, os tempos mudaram. As pessoas pensam que toda a gente perdeu o juízo na década de sessenta, mas, na verdade, isso só aconteceu nos anos setenta. — Os seus óculos regressaram (a sua cara regressou) e a minha mãe prosseguiu: — Ou talvez tenha sido preciso tempo para as mudanças chegarem às nossas paragens. Mas, um dia, a Kathie veio visitar-me e dava risadinhas e estava estranha: acriançada, sabes. Tu já tinhas partido, nessa altura. Para... — A minha mãe levantou o braço e agitou os dedos. Não disse «faculdade». Não disse «universidade». E, portanto, eu também não disse essas palavras. A minha mãe disse: — A Kathie gostava de alguém que tinha conhecido, isso era claro para mim, embora não mo tenha dito abertamente. Tive uma visão, uma *visitação*, para dizer de forma mais rigorosa; veio até mim enquanto estava ali sentada a olhar para ela. E eu vi aquilo e pensei: «Uh-oh, a Kathie está em sarilhos.»

— E estava — disse eu.

— E estava.

A Kathie Nicely apaixonara-se pelo professor de uma das suas filhas — que andavam as três no liceu, nesta altura — e começou a encontrar-se com este homem em segredo. Depois, disse ao marido que tinha de se realizar mais plenamente e que não conseguiria fazê-lo presa às amarras domésticas. Então foi-se embora, deixou o marido, as filhas, a sua casa. Só quando lhe telefonou em lágrimas

é que a minha mãe ficou a saber dos pormenores. A minha mãe foi de carro ter com ela. A Kathie tinha arrendado um pequeno apartamento e estava sentada num pufe, muito mais magra do que antes, e confessou à minha mãe que se apaixonara mas que, depois de ter saído de casa, o tipo a tinha abandonado. Disse que não era capaz de continuar com aquilo que vinham fazendo. A minha mãe, chegada a este ponto da história, ergueu as sobrancelhas, como se a surpresa que sentia perante isto fosse grande mas não desagradável.

— Seja como for, o marido dela ficou furioso e humilhado e *não* a aceitou de volta.

O marido nunca a aceitou de volta. Passou mais de dez anos sem lhe falar. Quando a filha mais velha, Linda, se casou logo após concluir o liceu, a Kathie convidou os meus pais para o casamento, porque — deduziu a minha mãe — não havia mais ninguém no casamento que lhe dirigisse a palavra.

— Aquela rapariga casou-se *tão* depressa — disse a minha mãe, falando agora rapidamente —, mas, que *eu* alguma vez tenha sabido, nunca houve criança, e um ano mais tarde ela divorciou-se dele e foi viver para Beloit, acho eu, à procura de um marido rico, e ouvi dizer que encontrou. — A minha mãe disse que, no casamento, a Kathie estava sempre a namoriscar toda a gente, desesperadamente nervosa. — Era triste de se ver. É claro que nós não conhecíamos ninguém, e era óbvio que ela praticamente nos tinha contratado para ali estarmos. Sentámo-nos nas cadeiras... lembro-me de que numa parede desse sítio, sabes, o The Club, aquele sítio finório em Hanston, eles tinham umas pontas de flecha índias protegidas com vidro, porque seria, perguntei-me, quem teria interesse em *todas* aquelas pontas de flecha... e a Kathie tentava falar com alguém e depois voltava logo para junto de nós. Até a Linda, toda aperaltada de branco (e a Kathie não me tinha

pedido para lhe fazer o vestido, a rapariga foi comprá-lo à loja), até essa noiva-menina mal deu atenção à mãe. A Kathie vive numa casa pequena, a poucos quilómetros do marido, agora ex-marido, há quase quinze anos. Completamente sozinha. As raparigas mantiveram-se do lado do pai. Surpreende-me até, agora que penso nisso, que tenham sequer *permitido* à Kathie estar no casamento. Seja como for, ele nunca mais teve ninguém.

— Ele devia tê-la aceitado de volta — disse eu, de lágrimas nos olhos.

— Imagino que o seu orgulho tenha ficado ferido. — A minha mãe encolheu os ombros.

— Bem, agora está sozinho, e ela está sozinha, e um dia destes vão morrer.

Fiquei angustiada, naquele dia, perante o destino da Kathie Nicely, com a minha mãe sentada aos pés da minha cama. Pelo menos, é assim que o recorde. Sei que disse à minha mãe — com um nó na garganta e os olhos a arder — que o marido da Kathie deveria tê-la aceitado de volta. Tenho quase a certeza de que disse:

— Ele vai arrepender-se. Estou a dizer-te, vai mesmo. E a minha mãe respondeu:

— Desconfio que a arrependida é ela.

Mas talvez não tenha sido isso que a minha mãe disse.

Até aos meus onze anos, vivemos numa garagem. A garagem pertencia ao meu tio-avô que morava na casa ao lado da nossa, e, na garagem, saía apenas um fio de água fria de um lavatório improvisado. O isolamento pregado à parede tinha um forro parecido com algodão-doce cor-de-rosa, mas era fibra de vidro e podíamos cortá-los, segundo nos diziam. Aquilo intrigava-me, e ficava a observá-lo com frequência, uma coisa cor-de-rosa tão bonita em que não podia tocar; e intrigava-me que lhe chamassem «vidro»; é estranho pensar na quantidade de tempo que passei a pensar no assunto, o enigma daquela fibra de vidro cor-de-rosa, bonita e perigosa, ao lado da qual vivíamos constantemente. Eu e a minha irmã dormíamos em catres de lona que eram beliches, com postes de metal apoiados um em cima do outro. Os meus pais dormiam debaixo da única janela, que dava para a extensão de milheirais, e o meu irmão tinha um catre no canto oposto. À noite, eu ficava a ouvir o ruído do pequeno frigorífico; que se ligava e desligava. Nalgumas noites, o luar entrava pela janela; noutras, estava muito escuro. No Inverno, muitas vezes, o frio era tanto que não conseguia dormir, e às vezes a minha mãe aquecia água no bico de gás e deitava-a no saco de água quente de borracha vermelha e deixava-me dormir com ele.

Quando o meu tio-avô morreu, mudámo-nos para a casa e passámos a ter água quente e autoclismo, embora no Inverno a casa fosse muito fria. Sempre detestei ter frio. Há elementos que determinam os trilhos escolhidos,

e frequentemente conseguimos encontrá-los ou identificá-los com rigor, mas já tenho pensado em como eu ficava até mais tarde na escola, onde fazia calor, só para *estar* quente. O contínuo, com um aceno de cabeça silencioso e uma expressão bondosa no rosto, deixava-me entrar numa sala onde os radiadores ainda assobiavam e, portanto, fazia os meus trabalhos de casa ali. Era costume ouvir o eco distante, no ginásio, das raparigas da claqué a treinar, ou o saltitar de uma bola de basquete, ou talvez, na sala de música, a banda ensaiasse, mas ficava sozinha na sala de aula, quente, e foi aí que aprendi que o trabalho fica concluído se simplesmente o fizermos. Conseguia ver a lógica dos trabalhos de casa de um modo que não teria visto se os fizesse em casa. E, quando acabava os trabalhos, lia — até que, por fim, tinha de me ir embora.

A nossa escola primária não era suficientemente grande para ter uma biblioteca, mas havia livros nas salas de aula que podíamos levar para casa e ler. Na terceira classe li um livro que me deu vontade de escrever um livro. Era sobre duas raparigas e elas tinham uma mãe boazinha, e foram passar as férias de Verão a outra cidade, e eram raparigas felizes. Nesta nova cidade, havia uma rapariga chamada Tilly — Tilly! — que era estranha e feia porque era suja e pobre, e as raparigas não foram simpáticas com a Tilly, mas a mãe boazinha obrigou-as a ser. É isto que me recorro do livro: da Tilly.

A minha professora percebeu que eu adorava ler e deu-me livros, até livros de adultos, e eu lia-os. E, mais tarde, no liceu, continuei a ler livros, depois de terminar os trabalhos de casa, na escola quente. Mas os livros trouxeram-me coisas. É aqui que quero chegar. Fizeram-me sentir menos só. E eu pensei: vou escrever e as pessoas não vão sentir-se tão sós! (Mas era um segredo meu. Mesmo depois

de ter conhecido o meu marido, não lhe contei logo. Não conseguia levar-me a mim própria a sério. Só que levava. Secretamente, secretamente, levava-me muito a sério! Eu sabia que *era* escritora. Não sabia quão difícil seria. Mas isso ninguém sabe; e não importa.)

Devido às horas que passava na sala de aula quente, por causa das minhas leituras, e porque via que, se não perdesse nada da matéria, os trabalhos de casa faziam sentido — por causa destas coisas, as minhas notas tornaram-se perfeitas. No meu último ano do liceu, a orientadora escolar chamou-me ao seu gabinete e disse-me que uma universidade nos arredores de Chicago me convidara a ir para lá com todas as despesas pagas. Os meus pais não disseram muito em relação a isto, provavelmente em defesa do meu irmão e da minha irmã, que não haviam tido notas perfeitas, nem sequer particularmente boas; nenhum deles prosseguiu os estudos.

Foi a orientadora quem me levou de carro à faculdade num dia de calor tórrido. Oh, adorei aquele sítio imediata, silenciosa e ofegantemente! Parecia-me enorme, edifícios por todo o lado — o lago, gigantesco aos meus olhos —, pessoas a passear, a entrar e a sair de salas de aula. Estava aterrorizada, mas estava sobretudo empolgada. Aprendi rapidamente a imitar os outros, a tentar que as minhas lacunas sobre a cultura popular passassem despercebidas, embora essa parte não fosse fácil.

Mas lembro-me disto: quando voltei a casa para o Dia de Acção de Graças, não consegui adormecer nessa noite, e foi por reçar que a minha vida na faculdade tivesse sido um sonho. Tinha medo de acordar e dar por mim uma vez mais naquela casa e ali ficar para sempre, e isso parecia-me insuportável. Pensei: *Não*. Continuei a pensá-lo durante muito tempo, até que adormeci.

Perto da faculdade, arranjei emprego e comprei roupas numa loja de artigos em segunda mão; estávamos em

meados da década de setenta e roupas dessas eram aceitáveis mesmo que não fôssemos pobres. Que eu soubesse, ninguém comentava o modo como me vestia, mas uma vez, antes de ter conhecido o meu marido, apaixonei-me a sério por um professor e tivemos um caso fugaz. Ele era artista e eu gostava do seu trabalho, embora tivesse a noção de que não compreendia o que ele fazia, mas era *dele* que eu gostava, da sua aspereza, da sua inteligência, da sua consciência de que certas coisas tinham de ser preteridas para ele ter a vida que podia ter — como filhos, que foram preteridos. Mas só registo isto agora por um motivo: que me lembre, foi ele a única pessoa que comentou a maneira como eu me vestia na minha juventude, comparando-me a uma professora do seu departamento, que usava roupa cara e era de estatura grande — como eu não era. Observou:

— Tu tens mais substância, mas a Irene tem mais estilo.

E eu disse:

— Mas estilo é substância.

Eu ainda não sabia que isso era verdade; um dia, tinha-o escrito simplesmente na minha cadeira de Shakespeare porque o professor o havia dito e isso me parecera verdadeiro. O artista respondeu:

— Nesse caso, a Irene tem mais substância.

Fiquei levemente envergonhada por ele, que ele achasse que eu não tinha estilo, porque as roupas que eu usava eram *eu*, e, se elas vinham de lojas de artigos em segunda mão e não eram roupas normais, não me ocorreu que isto nada significaria, a não ser para alguém bastante superficial. E depois, um dia, ele disse:

— Gostas desta camisa? Comprei-a na Bloomingdale's, em tempos, quando estive em Nova Iorque. Fico sempre impressionado com isso quando a visto.

E, uma vez mais, senti-me envergonhada. Porque ele parecia pensar que isto tinha relevância, e eu pensava que

ele era mais profundo do que isso, mais esperto do que isso; era um artista! (Gostava muito dele.) Deve ter sido a primeira pessoa, que eu me lembre, a especular quanto à minha classe social — embora, na altura, eu nem sequer tivesse palavras para isso —, porque me levava a alguns bairros e me perguntava: «A tua casa é assim?» E as casas para que apontava nunca eram casas que me fossem familiares; não eram casas grandes, só não eram nada parecidas com a garagem em que cresci, de que lhe tinha falado, e também não eram como a casa do meu tio-avô. Eu não lamentava a garagem — não do modo como ele pensava que eu lamentaria —, mas ele parecia achar que sim. Perguntou-me o que se costumava comer em minha casa. Não respondi: «Sobretudo pão com melaço.» Disse:

— Comíamos muito feijão em lata.

E ele respondeu:

— E então o que faziam depois disso, ficavam todos ali a peidar-se?

Foi aí que percebi que nunca me casaria com ele. É curioso como uma única coisa basta para nos apercebermos de algo assim. Podemos dispor-nos a abdicar dos filhos que sempre quisemos, dispormo-nos a suportar comentários sobre o nosso passado, ou sobre a roupa que usamos, mas depois... uma única observação e a nossa alma esmorece e diz: Oh.

Desde então fiz muitos amigos e amigas, e eles dizem o mesmo: aquele pormenor revelador. O que quero dizer com isto é que não se trata apenas da história de uma única mulher. É o que acontece com muitos de nós, se tivermos a sorte de ouvir aquele pormenor e de lhe prestar atenção.

Em retrospectiva, imagino que eu fosse muito esquisita, que falasse demasiado alto ou que nada dissesse quando se falava de coisas da cultura popular; acho que reagia de forma estranha a géneros comuns de humor que não conhecia. Creio que não percebia minimamente

o conceito de ironia, e isso baralhava as pessoas. Quando conheci o meu marido, William, senti — e isso foi uma surpresa — que ele compreendia realmente algo em mim. Ele era assistente de laboratório do professor de Biologia no meu primeiro ano, e tinha a sua própria visão solitária do mundo. O meu marido era do Massachusetts e era filho de um prisioneiro de guerra que fora enviado para os campos de cultivo de batata no Maine. Meio morto de fome, como era frequentemente o caso, este homem tinha conquistado o coração da mulher de um agricultor, e, quando voltou à Alemanha depois da guerra, pensou nela e escreveu-lhe dizendo-lhe que estava repugnado com a Alemanha e com tudo o que eles haviam feito. Regressou ao Maine e fugiu com esta mulher e foram para o Massachusetts, onde ele foi estudar para engenheiro civil. O seu casamento, naturalmente, foi muito difícil para a mulher. O meu marido tinha o aspecto loiro e alemão que vi em fotografias do seu pai. Na infância do William, o pai falava muito alemão, mas, quando tinha catorze anos, o pai morreu. Não restaram quaisquer cartas entre a mãe e o pai do William; se o seu pai sentiu repugnância pela Alemanha, não sei. O William acreditava que sim, e durante muitos anos acreditei nisso também.

O William, numa fuga à carência da sua mãe envidua, foi estudar para o Midwest, mas, quando o conheci, já estava deseioso de voltar para o Leste assim que possível. Todavia, queria conhecer os meus pais. A ideia foi dele, a de irmos juntos a Amgash e de ele lhes explicar que íamos casar-nos e mudarmo-nos para Nova Iorque, onde ele tinha um cargo de pós-doutoramento à sua espera numa universidade. Para ser franca, não me ocorreu preocupar-me; não imaginava estar a voltar as costas a coisa alguma. Estava apaixonada, e a vida estava a caminhar para diante, e isso parecia-me natural. Fomos de carro por entre hectares de soja e de milho; era início

de Junho, e de um lado estava a soja, de um verde intenso, iluminando os indiferentes campos inclinados com a sua beleza, e, de outro, estava o milho, que ainda não me chegava aos joelhos, de um verde-vivo que escureceria nas semanas seguintes, ainda com as folhas macias, prestes a tornarem-se mais fortes. (Oh, milho da minha juventude, foste meu amigo! — correr e correr pelo meio dos regos, correr como só uma criança, sozinha, consegue correr no Verão, correr em direcção àquela árvore despida que havia no meio do milheiral...) Tal como o recordeo, o céu esteve cinzento durante a viagem, e pareceu erguer-se — não clarear, mas erguer-se —, e foi muito bonita a sensação de ele se levantar e se iluminar, o cinzento com um levíssimo toque de azul, as árvores cheias das suas folhas verdes.

Lembro-me de o meu marido dizer que não esperava que a minha casa fosse tão pequena.

Não chegámos a passar um dia inteiro com os meus pais. O meu pai estava com o seu fato-macaco de mecânico, olhou para o William e, quando deram um aperto de mão, vi o rosto do meu pai contorcer-se muito, algo que antecedia aquilo que em criança eu designava — para mim mesma — como a *Coisa*, ou seja, um episódio em que o meu pai se tornava muito ansioso e perdia o controlo de si próprio. Depois disso, acho que o meu pai não voltou a olhar para o William, mas não posso dizer com certeza. Ele ofereceu-se para levar os meus pais e os meus irmãos a jantar num sítio à sua escolha. Fiquei com a cara quente como o sol quando o disse; nunca havíamos ido todos juntos em família a um restaurante. O meu pai respondeu-lhe:

— O teu dinheiro, aqui, não vale nada.

E o William olhou-me com uma expressão confusa e abanei ligeiramente a cabeça: murmurei que nos devíamos

ir embora. A minha mãe foi ter comigo até onde eu estava, sozinha, junto ao carro, e disse:

— O teu pai tem problemas com pessoas alemãs. Devias ter-nos dito.

— Dizer-vos?

— Sabes que o teu pai esteve na guerra, e houve uns alemães que tentaram matá-lo. Ele está muito incomodado desde que viu o William.

— Sei que o papá esteve na guerra — respondi. — Mas ele nunca falou de nada disso.

— No que respeita a experiências de guerra, há dois tipos de homem — disse a minha mãe. — Uns falam delas, outros não. O teu pai pertence ao grupo dos que não falam.

— Mas porquê?

— Porque não seria correcto — respondeu a minha mãe. — Quem é que te educou, meu Deus?

Só muitos anos depois, bem mais tarde, é que soube pelo meu irmão que o meu pai, numa vila alemã, se tinha cruzado com dois jovens que o sobressaltaram, tendo-os alvejado a ambos pelas costas. Ele não achara que eram soldados, não estavam vestidos como soldados, mas disparara sobre eles. Quando, com o pé, virou um deles para cima, viu quão novo era. O meu irmão disse-me que, ao meu pai, o William parecera uma versão mais velha dessa pessoa, um rapaz que tinha voltado para o assombrar, para lhe levar a filha. O meu pai tinha assassinado dois rapazes alemães e, no leito de morte, disse ao meu irmão que não passava um único dia sem pensar neles e sem sentir que deveria ter dado a sua vida em troca. Que mais aconteceu ao meu pai na guerra não sei, mas ele esteve na Batalha das Ardenas e na Batalha da Floresta de Hürtgen, dois dos piores sítios para se estar durante o conflito.

A minha família não foi ao meu casamento nem o reconheceu, mas, quando a minha primeira filha nasceu,

liguei aos meus pais de Nova Iorque, e a minha mãe disse que tinha sonhado com isso, pelo que já sabia que eu tivera uma menina, mas não sabia qual o nome, e pareceu gostar de Christina. Depois disso, telefonei-lhes nos aniversários, na altura do Natal e quando a minha outra filha, Becka, nasceu. Falámos sempre com cortesia, mas com desconforto, e não vi nenhum membro da minha família até ao dia em que a minha mãe apareceu aos pés da minha cama no hospital em que o Edifício Chrysler reluzia do lado de lá da janela.

Com *Olive Kitteridge*, Elizabeth Strout venceu o Prémio Pulitzer e conquistou milhares de leitores. Em *O meu nome é Lucy Barton*, aguarda-nos uma história graciosa e melancólica sobre a mais inquebrável das relações humanas: a que une mães e filhas.

Lucy Barton é uma aspirante a escritora, oriunda de uma cidade de província, e vive agora em Nova Iorque. Um destino improvável depois de uma infância de pobreza e privação, tal como improvável é a circunstância em que a conhecemos: Lucy está no hospital, a recuperar de uma cirurgia que se complicou imprevistamente.

A monotonia dos dias de internamento é quebrada pela inesperada visita da mãe, que fica cinco dias à cabeceira da filha. Este duro reencontro acontece após um afastamento de longos anos, precipitando um turbilhão de questões mal resolvidas, medos que persistem, memórias que seria melhor esquecer. Ensombrada pelo passado e assustada pela iminente implosão do presente, Lucy coloca a sua vida em perspectiva e leva-nos com ela nesse caminho.

Uma história de laços familiares e percursos interrompidos, que fala das distâncias por vezes insuperáveis no nosso círculo mais íntimo e sobre a solidão que todos sentimos alguma vez na vida. O fio que cose esta poderosa narrativa é a voz da própria Lucy Barton: observadora, sábia e profundamente compassiva.



**«Entre as palavras escolhidas e os silêncios vibrantes,
este livro oferece-nos uma rara riqueza de emoções,
desde o sofrimento mais negro à alegria mais simples.»**

The New York Times Book Review



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros
 alfaguaraeditora

ISBN 9789897849503



9 789897 849503 >